

**Wo kommen Sie her?** (De onde você é?)

 Autorin: Patrícia Keller Mendonça

Há exatos nove anos eu embarcava em Guarulhos com destino à Frankfurt. Eu estava muito cansada. Havia passado os últimos anos trabalhando e estudando freneticamente, havia me divorciado, e, assim, partia em busca de um recomeço, após ter sido acolhida por uma grande amiga, que me ajudou a dar os fundamentais primeiros passos rumo ao desconhecido. No aeroporto me disseram: “Sabe quem a estará esperando lá? Você!”. Exatamente. Para onde formos, lá estaremos, com nossos mesmos conflitos interiores, com nossas dificuldades, projeções, expectativas, demandas e ilusões.

Eu tinha consciência de que não seria fácil um “restart” aos 33 anos e num país estranho, mas a verdade é que os problemas com os quais me deparei nunca tinham sequer passado pela minha cabeça. Embora sempre tenha me identificado com questões relacionadas a preconceito, discriminação, e racismo, nunca havia tido experiências traumáticas no Brasil e não esperava ter a infelicidade de passar por elas na Alemanha, como foi o caso. A alegria da descoberta e do aprendizado dos primeiros anos foi sendo tomada por uma tristeza sem fim, por confrontos frequentes com os alemães, por frustrações constantes, pela necessidade de adequação do comportamento e integração que me pareciam nunca ser suficientemente boas aos olhos dos outros, na minha interpretação.

Claro que essas minhas interpretações e conclusões são nada mais do que minhas meras interpretações e conclusões. Não pretendo que sejam nada mais do que isso. As razões e os sentimentos dos outros nos serão sempre desconhecidos. Como já dizia a minha mãe, o coração do outro é terra que ninguém pisa. A pergunta crucial que me levou a considerar a discriminação como uma hipótese plausível foi: O que há no meu comportamento que supostamente autorizaria o outro a me desrespeitar? Em praticamente todos os casos, nada me passou pela cabeça como resposta que não fosse a minha aparência – de quem não pertence àquele grupo étnico. As agressões sempre me surpreendiam, porque quase sempre ocorriam sem que eu sequer interagisse com o outro.

Coincidência ou não, o problema parece ter se agravado com a chegada dos refugiados a Heidelberg, cidade onde eu morava, e com a ascensão do partido político Alternativ für Deutschland (AfD). Os questionamentos sobre a minha origem (Wo kommen Sie her?) e os incidentes em diversos cenários foram tornando evidente que eu não estava diante de mal-entendidos apenas. Tratava-se, na minha concepção, de ataques equivocados, desnecessários e gratuitos, em sua maioria verbais, mas que chegaram a ser físicos contra a minha filha, na ocasião, com apenas dois anos de idade.

Os dedos me eram apontados constantemente por razões absurdas e fora da realidade, como por eu estar supostamente jogando o lixo biológico dentro de uma sacola plástica, quando na verdade a sacola era biodegradável, adquirida especialmente para tal finalidade; por eu estar com a bicicleta no bonde elétrico supostamente fora do horário permitido, quando eu estava justamente no horário permitido; por eu estar supostamente envolvida em lavagem de dinheiro, quando eu nunca estive e nunca estarei - e esta não é uma acusação aceitável ou justificável sem provas, mas, sim, leviana e criminosa; por eu supostamente não poder me apresentar como uma cidadã suíça, quando esta é minha nacionalidade (também); por eu supostamente não poder ser uma advogada, quando eu sou devidamente registrada como tal, no Brasil e em Portugal; por eu supostamente não saber do que estava falando quando fui pedir informações no Standesamt (cartório de registro civil) sobre a habilitação para meu casamento, quando na verdade eu estava mais bem informada do que a funcionária; por eu supostamente estar furando a fila, quando eu não estava; por eu tomar banho em horário supostamente não permitido, quando isso não existe, porque banho, de acordo com a jurisprudência consolidada na Alemanha, é autorizado em qualquer horário do dia ou da noite.

As acusações feitas claramente eram tais como: “Erziehen Sie mal das Kind richtig (Eduque sua filha direito); Sie dürfen hier nicht sein (Você não pode estar aqui); Sie sind keine Schweizerin (Você não é suíça); Das geht um Geldwäschung (Isso é lavagem de dinheiro); Wie können Sie Anwältin sein, wenn Sie nicht verstehen was ein Makler ist? (Como você pode ser uma advogada se sequer sabe o que é um agente imobiliário – neste caso, como se o fato de o meu vocabulário à época não incluir a palavra “Makler” significasse o mesmo de eu desconhecer o conceito desta profissão. Os exemplos são incontáveis, ricos em detalhes e nuances que eu não conseguiria descrever suscintamente aqui. E se por um lado as razões do outro são subjetivas e inatingíveis, por outro lado, muitas vezes, essas declarações vão além de questões circunscritas à mera interpretação. Tomemos por exemplo a acusação de lavagem de dinheiro, repito, leviana e criminosa porque sem provas; ou a afirmação de eu não ser suíça, no momento em que me apresento como tal (com o passaporte em mãos).

A não ser pela minha aparência latina ou, nos casos em que eu chegava a abrir a boca, pela forma de me expressar, de quem tem sotaque e não domina o idioma a ponto de não cometer erros de declinação ou outros quaisquer, eu nunca consegui imaginar outra razão para as más experiências. A indicação do meu não pertencimento era, inclusive, literalmente mencionada no contexto dos episódios. O choque cultural foi tardio, porém inconfundível. O desamparo que carregamos conosco desde o nascimento, característico da condição humana, tornou-se insuportável. Com o passar do tempo a mensagem pra mim, na minha interpretação, era a mesma: o fato de eu ser supostamente incapaz, errada, ignorante ou inferior. Mas o fato é que jamais saberei os motivos intangíveis do outro.

Ter forças para lutar em várias frentes ao mesmo tempo era o maior desafio. Acreditar que eu não estava perdendo a lucidez quando a grande maioria das pessoas banalizava a minha dor também foi complicado. Havia a solidão, o isolamento, a falta de interesse alheio, o luto pela perda da identidade, a falta de identificação cultural, a banalização da atitude do agressor e de meu ressentimento, o tratamento de uma questão séria como se fosse bagatela, como se tudo se resumisse a não levar a questão para o pessoal. Como se pudéssemos ser racionais e não sentimentais.

 Foi em meio a um turbilhão de emoções, e tendo também que lidar com as sombras da maternidade recente, que se foi tornando clara pra mim a importância de não invalidarmos a mágoa, porque ela é legítima e concreta; de darmos espaço à tristeza, que às vezes se transmuda em raiva; de aprendermos e muito bem a língua do país onde decidimos viver; de cuidarmos da criança interior ferida; de tratarmos de nossos complexos; de procurarmos sair da posição de vítima, para não jogarmos toda a responsabilidade para cima do outro; de nos conhecermos melhor; de refletirmos sobre a nossa história de vida; de estarmos conscientes de nossos desejos; de buscarmos um interlocutor capaz de nos devolver a nossa narrativa para que não nos alienemos em nossos discursos; da importância, sobretudo, do diálogo, do apoio, da acolhida, do amparo.

A Alemanha é um país que tem muito a oferecer. Tem uma história incrível de reflexão sobre seu passado e de superação. É um país onde o zelo, o profissionalismo, o compromisso e o esforço são apreciados e cultivados. Se conseguirmos ultrapassar a barreira da integração, e trabalharmos a nossa dor diante do diferente, o nosso futuro neste país pode se tornar não só promissor, mas também mais leve e feliz. Em parte depende de nós. Só em parte é verdade. Mas podemos fazer a nossa parte. Para começar, buscando ajuda. Afinal, mesmo carregando conosco nossos problemas mal resolvidos para onde quer que formos, parece-me impossível superá-los sozinhos.



Patrícia Keller Mendonça é neta de emigrantes da Suíça e de Portugal e desde muito jovem teve contato por diferentes fontes com a cultura e a língua alemãs. É membro da Ordem dos Advogados – Conselho Regional de Lisboa e também da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RJ), tendo se graduado pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), se pós-graduado em Direito Patrimonial Privado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), e exercido a profissão por muitos anos no Rio de Janeiro, em São Paulo, e em Brasília. Foi comissária de bordo, assim como sua mãe, na extinta VARIG, e piloto privado no fim dos anos 90. Conhecia vários países e idiomas antes de decidir morar em Heidelberg, onde estudou Tradução por 4 semestres, e trabalhou como professora de português, inglês e italiano, por 4 anos. Atualmente mora na Bélgica, é casada com um holandês, e tem uma filha de 4 anos.